

O compromisso literário de Luiz Guilherme Santos Neves: entrevista

The Literary Commitment of Luiz Guilherme Santos Neves: Interview

André Tessaro Pelinser*
Letícia Malloy*
Vitor Cei*

O homenageado deste número da revista *Fernão* nasceu em Vitória (ES), em 1933. No ano de 1954 foi habilitado pelo MEC como professor de História de 1º e 2º graus. Graduiu-se em Direito pela Faculdade de Direito do Espírito Santo, em 1956, e em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo, em 1957.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e da Comissão Espírito-Santense de Folclore, o professor Luiz Guilherme Santos Neves trabalhou em diversas instituições de ensino básico e superior: Escola de Aprendiz

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Marinheiros do Espírito Santo, Colégio Estadual do Espírito Santo, Colégio Americano de Vitória e Escola Técnica Federal do Espírito Santo (atual Ifes). Aposentou-se como professor do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, após lecionar a disciplina História do Espírito Santo durante 26 anos.

A trajetória literária de Santos Neves teve início em 1952, com a coluna “Escritório do Professor Nostradamus Júnior”, na revista *Vida Capichaba*. Em 1977, publicou *Queimados*, dramaturgia sobre a Insurreição do Queimado, ocorrida em Serra (ES), em 1849. Desde então publicou diversos livros didáticos, paradidáticos, historiográficos e literários, além de artigos e crônicas em diversos periódicos do Espírito Santo. Destacam-se os livros *A nau decapitada*, de 1982, e *As chamas na missa*, de 1986, que já foram leituras obrigatórias para exames vestibulares da Universidade Federal do Espírito Santo.

Esta entrevista com Luiz Guilherme Santos Neves, concedida em maio de 2020, é uma publicação do projeto de pesquisa interinstitucional *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas* (N.A.L.B.), idealizado pelo professor Vitor Cei, da Universidade Federal do Espírito Santo, e coordenado em parceria com os professores André Tessaro Pelinser, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Letícia Malloy, da Universidade Federal de Alfenas. O objetivo do projeto é a realização e publicação de uma série de entrevistas com escritores brasileiros da atualidade, respondendo à necessidade de preservação, recuperação, promoção e difusão das linhas de força que atualmente orientam a constituição do campo literário no país.

Seguindo um conjunto sistematizado de questões, estruturadas a partir de um roteiro previamente estabelecido, enviado e recebido por e-mail, registramos o posicionamento de Luiz Guilherme Santos Neves frente a temas candentes de nossa época, que reverberam de diversas formas na literatura. De um lado, elaboraram-se perguntas com o intuito de lançar luz sobre o processo criativo do

autor, suas opções estéticas e sobre temas ou características marcantes de sua obra. Indicam-se, assim, caminhos interpretativos ou possibilidades de abordagens futuras. De outro lado, privilegiaram-se questões que abordam os posicionamentos do escritor frente à arte literária na contemporaneidade, bem como à sociedade e à política no Brasil atual.

N.A.L.B.: Cada escritor possui um método e estilo de trabalho próprios. A sua obra é composta por dezenas de volumes, dentre os quais encontramos romances, contos, crônicas e dramaturgia. Algumas características marcantes de seu estilo são o dialogismo, a paródia, a ironia e a recriação ficcional da história. Quais são as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto ético-estético?

L.G.S.N.: O que foi chamado de projeto ético-estético eu prefiro chamar compromisso literário assumido comigo mesmo, segundo o qual procuro fazer Literatura no melhor sentido da expressão. Escrever, para mim, não é apenas lançar palavras no papel contextualizadas em narrativas ficcionais, mas fazer isso de forma estética (agora cabe a palavra) e, tanto quanto possível, sem me tornar um escritor pedante ou esnobe, de difícil acesso para leitores de variadas categorias, se é que alguns me leem. Dentro desse compromisso, valho-me de muitos recursos estilísticos, conforme comporte o tema que esteja desenvolvendo, mas, acima de tudo, não prescindo de recorrer à ironia, que diria ser um gene de origem paterna. Para mim, emoção e ironia são fundamentais para a criação do texto literário, não bastando que seja bem escrito. Os textos que escrevi sobre o fantasma do centro histórico de Vitória, por exemplo, que frequentam o site *Tertúlia Capixaba*, da curadoria do escritor Pedro J. Nunes, são permeados de ironia e gozação, com toda a fundamentação histórica em que se apoiam. A escritura seca, desprovida de vibração emotiva, carece para mim do toque mágico que a engrandeça.

N.A.L.B.: Bacharel em Direito e licenciado em História, o senhor trabalhou muitos anos como professor. Como ocorrem os diálogos entre os textos literários e os estudos de folclore e história do Espírito Santo, além de livros didáticos e paradidáticos escritos pelo senhor? Há um diálogo ou denominador comum entre essas diferentes funções e formações, no ato da escrita?

L.G.S.N.: Foi como professor que eu percebi o garimpo literário que a História do Espírito Santo punha ao meu alcance, tanto que foi trabalhando o tema da Insurreição do Queimado, ocorrida na Serra em 1849, que me lancei à criação ficcional no campo da dramaturgia. Anos depois, voltaria ao mesmo tema no romance *O templo e a força*, tal a força dramática que marcou o episódio histórico daquele acontecimento. A temática histórica se constituiu uma porta larga e por ela enveredei. Mas, sempre que possível, vali-me de insumos colhidos ao rico folclore capixaba, área de pesquisa e estudos a que meu pai, Guilherme Santos Neves, se dedicou apaixonadamente. Acompanhei o seu trabalho de perto e, até hoje, recolho pepitas dessa obra em minha literatura. Quanto aos muitos livros didáticos que escrevi, sendo a maioria deles em parceria com Renato Pacheco e Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa, foram o resultado das atividades de magistério que exerci durante várias décadas, profissão que abracei desde os vinte anos de idade.

N.A.L.B.: Em 1977, o senhor publicou seu primeiro texto literário, *Queimados*, dramaturgia sobre a Insurreição do Queimado, ocorrida em Serra (ES), em 1849. Sua trajetória literária teve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? O fato de ser filho do folclorista Guilherme Santos Neves e irmão do escritor Reinaldo Santos Neves influenciou o seu percurso e o seu estilo?

L.G.S.N.: Eu diria que o texto teatral *Queimados* foi o empurrão decisivo para que eu me aventurasse literatura adentro. Antes de *Queimados*, eu já arriscava

travessuras literárias representadas por escritos esparsos que foram publicados na revista *Vida Capichaba* e no jornal *A Gazeta*, como foi, no caso do jornal, a coluna Literatura e História que nele mantive por curto tempo, na década de 50. Já a influência que recebi de meu pai, no meu trajeto literário, foi importantíssima, como dei a entender na resposta à pergunta anterior. E quanto ao meu irmão Reinaldo, não tenho como assinalar, da parte dele, nenhuma influência para o que pudesse ser chamado de meu “impulso inaugural”, embora seja Reinaldo o grande e incomparável escritor da família.

N.A.L.B.: Seu trabalho historiográfico tem como foco o Espírito Santo, e suas obras ficcionais apresentam uma espécie de cartografia sentimental da cidade de Vitória. Ao tratar seguidamente da cidade-ilha, alçando-a a uma posição nuclear em sua obra, parece fazer uso da linguagem para (re)criar sua relação com o entorno. Em que medida o senhor procura dialogar com autores que já discorreram sobre espaços insulares, como Thomas More e, mais recentemente, Gilles Deleuze e Umberto Eco?

L.G.S.N.: Já que foi criado o gancho com a formulação dessa questão, inevitável iniciar minha resposta ouvindo Alberto Caieiro, a quem imagino me fixando com seus olhos azuis no rosto pálido: “Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo... / Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer, / Porque eu sou do tamanho do que vejo / E não do tamanho da minha altura...”. Portanto, nem com Thomas More, nem com Deleuze, nem com Eco travei diálogos para recriar literariamente a cidade-ilha onde nasci, vivi e devo morrer dando a ela, com emoção e ternura, a dimensão ficcional cartográfica que me permitiu o tamanho da minha pequena altura de escritor. Em suma, eu sou a minha aldeia e ela é o meu fetiche.

N.A.L.B.: Hoje seu trabalho possui amplo reconhecimento, como comprova esta homenagem da revista *Fernão*. Como o senhor vê a

recepção de sua obra? O fato de viver em um estado que recebe pouca visibilidade na cena cultural brasileira influenciou a recepção?

L.G.S.N.: A homenagem que me presta a revista *Fernão* é de uma generosidade que não posso deixar de agradecer pelo muito que me sensibiliza. Mas, meus caros entrevistadores: vou me valer de um simulacro de resposta, porque quando se fala em *recepção da minha obra*, a expressão me instiga de tal forma que me imagino entrando, com meus livros a tiracolo, numa sala de visitas daquelas que havia nas sóbrias casas de antigamente, com retratos ovais de antepassados pendurados nas paredes e cadeiras de assentos almofadados com encostos de palhinha reservadas à recepção dos visitantes, para ali, muito a contragosto, dizer aos que estão a minha volta: “Vejam o que estou trazendo. Foi isso o que consegui escrever até agora”. E, só então, dou-me conta de que tem mais retratos nas paredes do que leitores para me recepcionar. Será que me fiz entender na resposta à pergunta?

N.A.L.B.: Desde 1977, quando o senhor começou a publicar, até hoje, o cenário literário e o mercado editorial brasileiros mudaram consideravelmente, mas alguns impasses permanecem. Quais os principais desafios para a edição de novos escritores no Brasil de hoje?

L.G.S.N.: Hoje, como ontem, o autor que pretender divulgar ele próprio a sua obra, sobretudo autores que escrevam nas províncias, e mesmo recorrendo às possibilidades que se abrem via internet, têm que se fazer mascates de si mesmos. O livro, principalmente o livro de ficção, e mais ainda o da boa ficção, precisa de agentes editoriais para se tornar conhecido. E isso não é fácil, notadamente para autores que estejam começando. E o que vale para iniciantes, residentes no Espírito Santo, vale também para os que já estão gramando na estrada há mais tempo, mesmo considerando-se os mecanismos legais que existem para estimular essas sofridas e disputadas publicações.

N.A.L.B.: O Brasil tem como um dos grandes desafios a democratização do acesso à literatura e, por consequência, a tarefa educativa de formar leitores. Como o senhor compreende o papel da literatura e da historiografia na formação da criança? E, como autor de livros infantojuvenis, didáticos e paradidáticos, quais são suas sugestões aos educadores que pretendem trabalhar com suas obras?

L.G.S.N.: Ainda que não tivesse sido filho de professor, neto de professor, sobrinho de professor e professor por mais de quarenta anos, não deixaria de apregoar a fundamental importância do papel da literatura e da história na formação da criança. E da criança em todas as faixas etárias até a adolescência. Bem a propósito lembro-me aqui do posfácio que Thomas Mann escreveu para o livro de Chamisso, *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*, interessantíssima narrativa do homem que vendeu sua sombra ao diabo, obra que por acaso estou relendo ao responder a esta entrevista. Nesse posfácio, Mann narra o quanto foi importante para a sua geração a leitura de livros infantis. Relembrando com saudade o *Livro de leitura alemão*, de uso escolar, escreveu que “as aulas nas quais ele [o livro] ficava aberto sobre as carteiras transcorriam sem perigo e eram quase uma diversão, os exercícios que se extraíam dele nos pareciam fáceis e aprazíveis, respondíamos ansiosos e com voz ágil às perguntas que ele propunha...”. Poderão dizer os que me lerem: Ora, o Brasil não é feito de Manns. Sua experiência educacional foi ímpar para quem já trazia a predestinação para o fazer literário de alto nível. A estes respondo que se o papel formador da literatura foi decisivo para o autor de *A montanha mágica*, muito mais o será para a anônima criança brasileira (estou pensando no caso do Brasil, em particular), desde que seja o livro de literatura trabalhado na escola não apenas para levar ao aprendizado das letras e da língua, mas também ao hábito de saber pensar e desenvolver o espírito crítico. Quanto ao conhecimento da História, ele só vem reforçar essa indispensável formação educacional. Quem dera o Brasil chegue até lá um dia!

N.A.L.B.: O senhor publicou vários livros em coautoria com o escritor e historiador Renato Pacheco, incluindo didáticos, como *Espírito Santo, minha terra, minha gente* (SEDU, 1986), infanto-juvenis, como *Tião Sabará* (Moderna, 1999, 2ª Edição em 2004), historiográficos, como *Mar de âncoras – O comércio exterior no Espírito Santo* (SINDIEX, 2003), e folclóricos, como *Índice do folclore capixaba* (ITA, 1994). Em que medida o diálogo com Pacheco influenciou sua produção?

L.G.S.N.: O meu diálogo com Renato Pacheco na produção dos livros que escrevemos em parceria, fossem didáticos ou não, foi profundamente fraterno e enriquecedor. Sem ele, por exemplo, eu não teria escrito nenhum dos livros que foram citados na pergunta, nem outros não citados como *Mão e obra – O artesanato no Espírito Santo*; *Dos comes e bebes do Espírito Santo*; *Torta capixaba*; *Catraieiros da baía de Vitória*, além de outros. Depois que Renato partiu, ele que foi um mestre para mim, sua presença continuou tão viva ao meu lado que ainda me induziu a um desabafo *post mortem* com o romance *Memória das cinzas* (acessível na internet no site *Tertúlia Capixaba*), em que dialogo com sua obra maior, *Os cantos de Fernão Ferreiro*. O impulso para escrever *Memória das cinzas* foi tão incontrolável que quebrei até a promessa a mim mesmo feita de não mais escrever nenhum romance, depois que publiquei *O Capitão do Fim*, sobre Vasco Fernandes Coutinho, cujo título tinha, metaforicamente, tudo a ver com a minha decisão.

N.A.L.B.: Uma característica de sua obra são as recorrentes intertextualidades, que vão de cânones como William Shakespeare a cantigas folclóricas e ditos populares, passando por autores contemporâneos como Ítalo Calvino. Em que medida o senhor busca promover, em sua obra, interlocuções com outros autores marcantes, ou menos conhecidos, da tradição literária?

L.G.S.N.: Ah, a intertextualidade! Foi depois de ter escrito muitos textos no campo da ficção que descobri que eu era um viciado na prática da intertextualidade, não me dando a qualquer juízo de valor quanto a ser bom ou não o vício contraído, contra o qual nem sequer procurei me vacinar (estou usando essa referência porque os tempos são de coronavírus). Ademais, procurei recorrer à sapiência alheia em favor da minha “fraqueza” literária e encontrei um bom amparo em David Lodge, por exemplo. Invoco dele a observação que escreveu em *A arte da ficção*: “a intertextualidade não é, ou ao menos não necessariamente é, um simples adorno; muitas vezes ela pode ser um fator crucial na concepção e na escritura de um texto”. Vou mais longe: se homem nenhum é uma ilha, como já se tem dito e repetido, nenhum texto também o é, principalmente os literários. Bem-vinda sejas tu, oh intertextualidade! Sem ela eu não teria escrito grande parte do que escrevi com meu inveterado onanismo intertextual.

N.A.L.B.: **Diante do panorama da literatura brasileira das duas últimas décadas, o que o senhor vê? Que autores tem lido? Gostaríamos que nos contasse sobre suas principais inquietações e estímulos em face da produção literária contemporânea.**

L.G.S.N.: O que mais me tem chamado atenção na produção literária brasileira dos últimos dez anos é o evidente compromisso que tem apresentado com o que se poderia chamar de causas das minorias socialmente excluídas em nosso país. Claro que tal comportamento é uma forma legítima de afirmação intelectual e de postura antidiscriminatória, mas é preciso avaliar até onde cada obra neste particular é realmente dotada de qualidades literárias, no sentido estético da expressão. O fazer literário, muito além da preocupação de denunciar injustiças e desigualdades sociais, geralmente marcadas pelo sentimento ideológico ou pelo sofrimento autoral, é tarefa árdua, pois transcende dessa categoria de escritura, às vezes apenas de ocasião, embora seja ela compreensível. Quanto aos autores nacionais que tenho lido? Resposta: a excelente turma que faz parte da estante

capixaba, e não se trata de preferência xenofóbica, mas de quem proclama a qualidade dos que fizeram e fazem literatura em nosso Estado. Querem um décimo exemplificativo dessa alta qualidade? Pois leiam os seguintes versos de Miguel Marvillá: “Quem é esta mulher, pulsando à espera / De um que lhe descubra seus mistérios / E em cuja pele clara seja breve / Mas, sendo breve, ao fim lhe seja eterno?”.

N.A.L.B.: Nos últimos anos, o Brasil e o mundo têm presenciado o fortalecimento de ondas reacionárias que trazem matizes autoritários, opressores, fascistas, racistas, misóginos e homofóbicos, frequentemente alimentados por fatores de ordem política ou religiosa. Gostaríamos que nos ajudasse a compreender: houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que o senhor imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?

L.G.S.N.: Modestamente acho que talvez o marco 1 da problemática que a primeira parte da questão coloca tenha sido a estupenda explosão demográfica do mundo atual, da qual somos parte e testemunhas. Cada nova geração se fez mais populosa do que a anterior com a acentuação das diferenças individuais, tão gritantemente proclamadas nos dias de hoje. Quanto à segunda questão, se eu estivesse intelectualmente apto a responder a ela, não me consideraria um simples escritor ou historiador de aldeia, mas o profeta que não sou. Parodiando Borges, e ampliando-o com uma palavra a mais, reservo-me a me dedicar ao “problemático exercício da literatura” e da história, o que já é muito.

Finalmente, ao encerrar as minhas respostas, quero uma vez mais agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo ao me distinguir com a homenagem que me presta tornando-me centro (quase escrevi sujeito) dessa entrevista, o que muito me honrou. Obrigadíssimo a todos.

Referências:

- BORGES, Jorge Luis Borges. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo, Globo, 2001.
- CHAMISSO, Adelbert von. *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*. Posfácio de Thomas Mann. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Queimados*: documento cênico. Vitória: [s. n.], 1977.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *A nau decapitada*: manuscrito de Itapemirim. 2. ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1985.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *As chamas na missa*. Rio de Janeiro: Philobiblion; Fundação Rio, 1986.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato. *Catraieiros da baía de Vitória*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 1995.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *O templo e a força*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1999.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato; HASSE, Geraldo. *Mar de âncoras*: o comércio exterior do Espírito Santo. Vitória: Flor&Cultura, 2003.
- NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Memória das cinzas*: encontro póstumo com Fernão Ferreiro com ilustrações imaginadas à Gustavo Doré. Vitória: Secult-ES, 2009.
- PACHECO, Renato; NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Índice do folclore capixaba*. Vitória: ITA, 1994.
- PACHECO, Renato; NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Dos comes e bebes do Espírito Santo*: a culinária capixaba no Hotel Ilha do Boi. Rio de Janeiro: SENAC, 1997.
- PACHECO, Renato; NEVES, Luiz Guilherme Santos. *Tião Sabará*: história de um menino escravo no tempo da independência do Brasil. São Paulo: Moderna, 1998.
- ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga; NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato. *Espírito Santo*: minha terra, minha gente – História regional para o 1º grau das escolas estaduais. Vitória: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1986.